



## PEDAGOGIA INACIANA: LEITURAS DO TEMPO PRESENTE

Por Mariângela Risério D'Almeida<sup>1</sup>

*O real se dá na travessia.* (G. Rosa)

### RESUMO

Este artigo tem como objetivo propor uma leitura da Pedagogia Inaciana para o tempo presente. Assim, o texto está dividido em três partes e a conclusão: Primeiro, situa-se a Pedagogia Inaciana em meio a outras Pedagogias. Em seguida, se desenvolve uma leitura a partir da realidade de contextos locais e globais. Reflete como a Pedagogia Inaciana contribui para a formação dos sujeitos através do desenvolvimento da consciência crítica. Depois, narra-se uma pequena, mas potente experiência formativa, liderada por alunos, em um colégio em Salvador, Bahia, Brasil. Estabelece diálogos com as teorias críticas e na compreensão dos processos de subjetivação. Evidencia a sua importância através do currículo para desconstruir a discriminação, o racismo, o preconceito e para a construção da justiça socioambiental. Na conclusão, o artigo reforça a importância das redes educativas para o compartilhamento de aprendizagens e desenvolvimento coletivo de projetos e programas que possibilitem uma travessia esperançosa.

**Palavras-chave:** Pedagogia Inaciana. Realidade. Consciência crítica. Discriminação.

### RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo proponer una lectura de la Pedagogía Ignaciana a la actualidad. Así, el texto se divide en tres partes y la conclusión. Primero, aborda la Pedagogía Ignaciana en medio de otras pedagogías. Luego, se desarrolla una lectura basada en la realidad de los contextos locales y globales. Refleja como la Pedagogía Ignaciana contribuye a la formación de los sujetos a través del desarrollo de la conciencia crítica. En seguida, narra una pequeña, pero poderosa experiencia formativa, realizada por estudiantes en una escuela en Salvador, Bahia, Brasil. Establece diálogos con teorías críticas en la comprensión de los procesos de subjetivación. Muestra su importancia a través del currículo para desconstruir la discriminación, el racismo, el prejuicio y para la construcción de la justicia socioambiental. En conclusión, el artículo refuerza la importancia de las redes educativas para el intercambio de aprendizajes y el desarrollo colectivo de proyectos y programas que posibiliten una travesía esperanzadora.

**Palabras clave:** Pedagogía Ignaciana. Realidad. Conciencia crítica. Discriminación.

<sup>1</sup> Mestre em Gestão Educacional, pela UNISINOS; Diretora Geral do Colégio Antônio Vieira, Salvador, Bahia-Brasil; [lattes.cnpq.br/1092580501714760](mailto:lattes.cnpq.br/1092580501714760)



Vivemos tempos de travessia que nos mobilizam a mirar horizontes novos, aspirar por eles, porém enraizados na Tradição dos colégios da Companhia de Jesus. As raízes éticas, princípios e valores da educação da Companhia de Jesus, são nosso chão, nos sustentam e autorizam para avançar, ousar, se lançar. Enlaçar presente e futuro, tecer devires. Nos permite desenhar futuros, transitar, desejar. Lá atrás, Sto. Inácio, querido fundador, ousado homem da modernidade, já pedia uma atenção aos contextos: observar tempo, pessoas e lugares. A Pedagogia Inaciana nos impulsiona a grandes deslocamentos, a releituras, a novos contextos, a ir além. Ela vive de novos sujeitos e saberes que estabelecem novas conexões, sinapses, aptos para novas descobertas, para fomentarmos o novo.

A Pedagogia trabalha sobre contextos concretos, sobre sujeitos e subjetividades, sobre temporalidades. Fruto de um longo percurso educativo através da história, a Pedagogia Inaciana tece diálogos para existir, para projetar o hoje e o amanhã. Uma

Pedagogia que está atenta ao tempo, que escuta os sujeitos e por isso pode transcender, ir além. Para a Companhia de Jesus,

a Pedagogia é o caminho pelo qual os professores acompanham o crescimento e desenvolvimento dos seus alunos. A Pedagogia, arte e ciência de ensinar, não pode ser reduzida a mera metodologia. Deve incluir uma perspectiva do mundo e uma visão da pessoa humana. (PPI, 1993, p.22)

Ao final desse caminho que pessoa teremos formado? Como contribuimos para o seu projeto de vida? Como ele intervirá na sociedade? Como ajudará na sua transformação, na sua humanização?

Em 1986 a Companhia de Jesus publicou as Características da Educação da Companhia de Jesus, em 1993 o Paradigma Pedagógico Inaciano e em 2019, publicou o documento Colégios Jesuítas: Uma Tradição Viva no Século XXI, com o objetivo de ajudar a refletir e discernir sobre as oportunidades particulares de nosso tempo. Ambos conferem sentido de identidade e unidade aos colégios da Companhia de Jesus.

Aqui cabem muitas perguntas:



como a Pedagogia Inaciana está iluminando este novo século? Como ela é tecida em Rede? Como ela sustenta hoje a inovação ou melhor, o dinamismo educativo dos colégios da Companhia de Jesus? Quais seus matizes, singularidades, diferenças?

A Pedagogia como Ciência, vivenciou nas últimas décadas uma evolução/revolução nas compreensões do sujeito que ensina e do sujeito que aprende. Até então o foco estava centrado no ensino, que utilizava didáticas e metodologias centradas no professor. Afetada por outras ciências, como a Neurociência, ela se abriu a novas compreensões do processo ensino/aprendizagem. Compreender como se dá a aprendizagem e como o aluno do século XXI aprende a partir de novos modelos mentais, que mobiliza competências e inteligências múltiplas tem revolucionado a Pedagogia. A Pedagogia Inaciana compreende que

a internet e as redes sociais mudaram a forma como os seres humanos pensam, reagem, comunicam-se e se relacionam. Não é apenas uma questão de tecnologias. É um novo mundo no qual vivem as pessoas, especialmente as novas gerações. (JESSEDU-RIO, 2017, p. 5)

A Pedagogia, assim como a escola, não é neutra. Ela vive das suas intencionalidades, dos seus propósitos educativos. A Pedagogia “implica fazer escolhas, e escolher (...) representa ter a coragem das próprias dúvidas, incertezas, quer dizer participar de alguma coisa pela qual se assume a responsabilidade.” (RINALDI, 2017, p. 35). Dúvidas e incertezas que nascem das redes de saberes e fazeres cotidianos que tecem a complexidade educativa, geram escolhas, desenham currículos, alimentam a discursos, embates e diálogos polissêmicos, envolvendo múltiplas relações e conexões nas comunidades educativas. Definitivamente, “não estamos falando da aplicação de uma série de princípios, métodos ou materiais; estamos falando de uma concepção do mundo, de formas de entender a educação que coloca os sujeitos no centro do processo.” (CARBONELL, 2017, p. 11).

A Pedagogia tem a tarefa de oferecer espaços para o desenvolvimento da pessoa, conectando o indivíduo à comunidade em relações de interdependência e



com profundo senso de coletividade e responsabilidade. Dessa forma, estabelece conexões entre a educação e o mundo social, econômico, político, cultural em que ela se situa, comprometendo-se com a transformação das relações, com uma nova sociedade, com a humanização. Assim, a escola se torna um lugar de aprendizagem democrática e de reinvenções.

Segundo Carbonell (2017; p. 31), um dos eixos de intervenção estratégica por parte das pedagogias inovadoras tem sido o impulso do diálogo entre a escola e o entorno para tratar de estender pontes contínuas entre o conhecimento que se produz dentro e fora da instituição escolar, com o objetivo de conseguir, no tempo certo, a transferência e o uso da cultura escolar à vida cotidiana e a incorporação da experiência vivencial e extraescolar para a educação formal.

Como estender essas pontes?

Nesse grande contexto que é o mundo somos convocados e provocados por tantas e tão diversas situações.

O político atravessa constantemente

todas as dimensões. Eu não posso ser um sujeito social sem ser um sujeito político. Isso se dá de tal maneira que até o acesso que temos a nós mesmos está determinado pelo político. Eu não posso ser um sujeito social sem ser um sujeito político; eu não posso ser um sujeito ético sem ser um sujeito político; eu não posso ser um sujeito epistemológico – isto é, eu não posso nem mesmo pensar ou falar sobre o mundo ou sobre mim mesmo – sem ser um sujeito político. (VEIGA-NETO, 1996 apud LIBÂNEO; ALVES, 2012)

A Pedagogia Ignaciana requer uma clareza de contextos do quanto a educação está marcada por ambiguidades e ambivalências e por isso faz-se tão necessário o discernimento levando em consideração tempo, pessoas e lugares, para fundamentar as escolhas que consolidem um currículo para a formação integral. Como uma pedagogia crítica ela põe em relevo as conexões entre poder, ideologia, conhecimento e currículo. Quais conhecimentos são considerados válidos? Como o conhecimento escolar contribui para desconstruir estereótipos?

“Vemos muito potencial para melhorar a vida na terra. No entanto, também testemunhamos violência, exploração e injustiça. Intolerância religiosa e étnica, fundamentalismo e discriminação agridem a dignidade



humana, exacerbam as desigualdades e socialmente marginalizam muitas pessoas, em particular mulheres e crianças.” (TRADIÇÃO VIVA, 2019 p. 16)

## **A REALIDADE COMO CHAVE DE LEITURA**

A realidade como chave de leitura e de ação composta pelo social e pelo ambiental nos leva a uma compreensão do processo de ensino/aprendizagem como fenômeno social, concreto, complexo e multirreferencial. A Pedagogia Inaciana, como uma pedagogia crítica, permite aos educandos e educadores o confronto consigo mesmo, com o mundo, com os seus valores, ilumina e esclarece as consciências com a finalidade de “preparar os alunos para se tornarem agentes de mudança a serviço do bem comum” (TRADIÇÃO VIVA, 2019, p.14) e assim construir uma nova sociedade.

Há 40 anos, o então Padre Geral da Companhia de Jesus, Pedro Arrupe, SJ, em famosa alocução, dizia que “aprender é importante, mais importante, porém, é aprender a aprender e desejar prosseguir

aprendendo”. É essa competência para aprender que deve estar presente nos colégios da Companhia de Jesus. O diálogo com a contemporaneidade nos interpela e nos faz refletir sobre a educação que propomos, sobre o papel social da escola. E, sobretudo neste contexto pandêmico, esse papel adquire maior importância e relevância. Quais as inquietações que emergiram nesse contexto, como as acolhemos e como elas se transformaram em conhecimento e currículo? Como elas nos informaram e formaram? Segundo Teixeira Neto (2020, p. 34),

Discutir currículo é discutir e ressignificar o que estamos fazendo/queremos fazer com a educação, para onde estamos indo/queremos ir, o que estamos ensinando/querendo ensinar e, principalmente, como estamos aprendendo para provocação de emancipacionismo social.

Quais conhecimentos são considerados válidos no tempo presente? O currículo gerado pela pandemia tem um potencial altamente mobilizador para refletirmos como escola sobre a educação que propomos, sobre o mundo, o planeta, a sustentabilidade, as relações de consumo, o modelo de sociedade e de



vida que estamos escolhendo. É nesse ambiente formativo que o aluno está imerso e sendo afetado, mobilizado, instigado em seu pensamento crítico, sua leitura de mundo. Segundo McLaren (1977, p. 202) a pedagogia crítica questiona como nossos entendimentos de senso comum diários – nossas construções ou “subjetividades” – são produzidos e vividos. A pandemia, como vetor de disrupção, se impôs como um currículo, obrigou-nos a refletir sobre a morte, a vida, confrontou-nos um modelo de sociedade construído sobre desigualdades históricas. Afetou, portanto, a forma como o conhecimento é construído, as aprendizagens, as metodologias, as ambiências de aprendizagem, e tecendo tudo isso, o currículo para a formação integral que propomos, continua potencializando perguntas, questionamentos, inquietações e transformações. Somos convidados a enxergar mais além da tela do computador, a ver a pessoa diante da tela com suas inquietações, inseguranças, medos próprios desse tempo, a pessoa em seus limites, potencialidades e em sua

subjetividade. Tempo pandêmico altamente significativo e relevante na medida em que conseguimos criativamente tornar o currículo, o espaço de formação humana através da inter e da transdisciplinaridade, articulando saberes, cognição, colaboração e cooperação, tocando a fragilidade de cada ser e também despertando a fraternidade latente. Um currículo crítico e emancipador se configura a partir de “uma aposta firme pela relação entre sujeito e o conhecimento, razão e sentimento, conhecimento e emoção, entre a ética e a estética”. (CARBONELL, 2017, p. 75).

Ouvir as vozes dos alunos, professores e familiares durante esse tempo, se constitui em uma pauta formativa, democrática, dialogante sobre esse currículo vivo, insurgente e bordado de emoções, afetos, dores e alegrias. Em nosso colégio, com alunos oriundos de realidades sociais tão distintas, onde muitos não têm condições favoráveis aos seus estudos, que não têm, às vezes, a conexão de internet necessária para prosseguir, apostamos na Educação



como um direito universal, para o qual precisamos trabalhar e criar estratégias de combate às desigualdades históricas “(...) converter esse princípio num direito humano social de todos e de cada um, direito que deve se tornar uma realidade operativa com resultados mensuráveis.” (DUEC, 2019, p. 3).

O Paradigma Pedagógico Inaciano (PPI) nos convoca ao contexto, às pautas do tempo presente. Precisamos vê-las, enxergá-las, admiti-las. As questões do racismo e de gênero nos convidam a aprofundar a reflexão em nossas instituições. De onde elas surgem? Em toda sociedade, desde 2020, a morte de George Floyd nos Estados Unidos, trouxe à tona a questão do racismo presente em nossa sociedade. No Brasil, também em 2020, a morte de João Alberto Freitas dentro de um supermercado em Porto Alegre, teve um impacto bem menor. Este ano, no Rio de Janeiro, as mortes na favela do Jacarezinho, de 28 homens negros, pais de família, trabalhadores, revelam a chaga de um genocídio, da morte da população negra. São jovens, crianças,

adolescentes que tem sido alvo de um extermínio sistemático e institucionalizado. Segundo Carneiro, (2020, p. 141),

a problemática racial requer vontade política dos governos, empresas e demais instituições da sociedade para a adoção de políticas que rompam com a apartação racial existente no Brasil, que se exprime nos índices de desigualdades raciais em alguns indicadores superiores aos encontrados na África do Sul.

Como essas realidades nos afetam e estão presentes em nossas escolas? Já não basta afirmar que não coadunamos com o racismo, ou agirmos apenas quando surge um caso em nossas instituições. Precisamos de estratégias claras antirracistas, que trabalhem sistematicamente para combater o racismo, para desconstruir. Como demonstrar de forma efetiva que as vidas negras importam? Como avançar na desconstrução do racismo estrutural do qual fazemos parte na sociedade? Como avançar no desenvolvimento da consciência crítica dos nossos alunos, colaboradores e como instituição? Como a educação pode gerar uma sociedade justa? Segundo Almeida (2020, p. 72),



em uma sociedade que se apresenta como globalizada, multicultural e constituída de mercados livres, “o racismo já não ousa se apresentar sem disfarces”. É desse modo que ele passa da destruição das culturas e dos corpos com ela identificados para a domesticação de culturas e de corpos.

Abordar e aprofundar essa questão constitui uma exigência ética para a educação jesuíta, ancorada no humanismo que a sustenta e impulsiona. No II Colóquio JESU-Global 2021, realizado entre 28/06 e 2/07/2021, os princípios que sustentam a educação jesuíta foram aprofundados através de 4 temas e oito conferencistas: Educação para a Fé, Educação para a Profundidade, Educação para a Reconciliação e Educação para a Cidadania Global. O tema da Educação para a Reconciliação, apresentado pela conferencista Dra. Jasmine Nario-Galece, nos remete aos contextos locais e globais, diretamente e se constitui em um imperativo em nossos dias. Estamos em um mundo polarizado, dividido por raça, etnia, sexo, por condições socioambientais, socioculturais e religiosas. Como podemos educar para a reconciliação?

Em sua conferência, Dra. Jasmine Nario-Galece propõe algumas pistas: 1) examinar as nossas preferências, que contribuem para a polarização e fragmentação; 2) através das palavras e ações inspirar o respeito e aceitação da diversidade; 3) ensinar a reconciliação, através de materiais didáticos, e abordagens colaborativas e cooperativas; 4) promover oportunidades para os alunos conhecerem e se familiarizarem com as diferenças, criar pontes e desafiar os preconceitos; 5) posicionar-se ao lado dos excluídos, vítimas da violência.

Todo esse conjunto de ações sugeridas por Dra. Jasmine Nario-Galece, com certeza, já vem acontecendo de diferentes formas e graus de engajamento em nossos colégios, alimentados pelas Preferências Apostólicas Universais da Companhia de Jesus e pelo desejo de que nossa educação seja de fato, uma tradição viva. O PEC (RJE, 2016, p.36) nos diz que,

o desafio de articular fé e justiça nos leva a considerar, no espaço escolar, os temas referentes a gênero, diversidade sexual e religiosa, novos modelos de família, questões





étnico-raciais, elementos referentes às culturas indígena, africana e afro-brasileira no Brasil e todos os temas similares relacionados a categorias ou grupos sociais que sofrem discriminação, violência e injustiça.

Mas, como podemos avançar, ousar ir além? Corremos o risco de estacionar no que já fazemos e sabemos. O Ano Inaciano nos convida a profundos deslocamentos, novos engajamentos e adesões, pessoal e comunitariamente. É um convite a “ver novas todas as coisas, em Cristo”. Como a Pedagogia Inaciana pode ser o meio de transformação?

## **UMA PEQUENA, MAS POTENTE EXPERIÊNCIA**

Desde o ano de 2015, o Colégio Antônio Vieira, tem ampliado cada vez mais os espaços de participação de toda a comunidade. Com os alunos não tem sido diferente! A partir da escuta ativa, procuramos colocar em prática uma pedagogia engajada que fomente a participação, a colaboração, desperte o desejo e o compromisso dos estudantes com o processo de aprendizagem e transformação da

sociedade. De acordo com Hooks (2020, p. 193), “para educar para a liberdade, portanto, temos que desafiar e mudar o modo como todos pensam sobre os processos pedagógicos. Isso vale especialmente para os alunos.”

Os alunos expressaram seu desejo de novas iniciativas, que tivessem sentido e significado para eles e inauguraram lugares próprios de escuta, reflexão, conhecimento de si e do outro, com narrativas e linguagens próprias, acompanhados por um professor. Segundo Schiavone (2009, p. 60), “em cada tipo de escola o professor deveria agir na convicção de estar a serviço de cada aluno e nutrir uma solícita atenção para conhecer seu mundo complexo, ajudá-lo a aprender, a cultivar-se e a crescer de maneira integrada.” Esses espaços, denominados de núcleo, agrupam e articulam desejos e interesses dos alunos: artes (literatura, teatro, fotografia, cinema, poesia, dança), minorias sociais, ciências, voluntariado, conhecimento, ambiental etc. Desta experiência, destacamos o protagonismo do Núcleo de Minorias



Sociais cuja proposta nasceu do desejo de alguns alunos discutirem temáticas como: o que é ser negro na Bahia, hoje; como tratar as questões relativas a homoafetividade, gênero e o feminicídio. A partir da reflexão proposta por esse grupo de alunos, as questões antes silenciadas e invisibilizadas, ganharam potência reflexiva e mobilizadora de muitos alunos e suas inquietações existenciais. Os núcleos se tornaram assim, locais de intensa aprendizagem de si e do outro através do exercício da alteridade, da diversidade, de convivência, respeito e valorização das diferenças, a partir da experiência, reflexão e ação, se caracterizando como um espaço pulsante, cheio de tensionamentos, onde o currículo para a formação integral se constrói e evidencia. Uma aprendizagem transformadora, cheia de sentidos e significados, onde a Pedagogia Inaciana, como uma pedagogia ativa, mobilizadora dos desejos e dos afetos, conduz o aluno no seu itinerário existencial, estimulando-o ao crescimento e a descoberta de si. Segundo Schiavone (2009, p. 134), não menos preciosa é a afirmação do

Pe. Lonergan:

os sentimentos que nos relacionam não somente com uma causa ou com um fim, mas com um objeto, dão à consciência intencional a sua massa, a sua importância (momentum), a sua força de propulsão (drive), o seu vigor (power). Sem esses sentimentos (feeling), o conhecer e o decidir do ser humano seriam frágeis como folhas de papel (would be paper thin).

Avançando nessa perspectiva, percebemos em 2020, que precisávamos dar novos passos institucionais para tratar a questão do racismo e as questões de gênero. Desta vez, mobilizados pela explosão das questões raciais em nível mundial, partimos para novas iniciativas. Criamos uma comissão com a finalidade de discutir as questões raciais e de gênero e desenhar um projeto educativo em que pudéssemos avançar, entendendo que a natureza da educação é eminentemente política e potencialmente transformadora da sociedade.

Para Almeida (2020, p. 65),

o racismo constitui todo um complexo imaginário social que a todo momento é reforçado pelos meios de comunicação, pela indústria cultural e pelo sistema educacional (...) E a escola reforça todas essas percepções ao apresentar um mundo em que negros e negras não tem muitas



contribuições importantes para a história, literatura, ciências e afins, resumindo-se a comemorar a própria libertação graças à bondade de brancos conscientes.

Como a escola pode atuar nesse contexto? Como a Pedagogia Inaciana pode contribuir com uma educação étnico-racial? É fundamental desenvolvermos alunos conscientes, que “têm um conhecimento e uma experiência consistentes da sociedade e de seus desequilíbrios” (TRADIÇÃO VIVA, 2019, p.83). Desenvolver consciência crítica é fundamental. Para isso é preciso uma ação estruturada baseada em quatro aspectos: reconhecer a desigualdade e a injustiça e como ela é sustentada socialmente;

reconhecer as formas de racismo presentes na sociedade através de estudos, formação, seminários; ensinar diferentes estratégias de ação e resistência; empoderar os alunos para as conquistas. (SEIDER, 2017).

Esse ano, começamos a colocar em prática em nosso colégio, um projeto formativo antirracista, voltado para todos os colaboradores, através da metodologia de formação através

de professores especialistas convidados, rodas de conversas e oficinas de reconstrução identitária. Entendemos que como uma comunidade de aprendizagem, precisamos de espaços onde possamos construir, desconstruir, compartilhar, aprender e desaprender. Isso exige profundos deslocamentos pessoais, profissionais, em viés transdisciplinar, onde o inaciano e a formação integral sejam tecidos juntos. É o horizonte da pedagogia inaciana, que impulsiona e amplia os horizontes, dando base e sustentação à experiência. “Os colégios jesuítas devem ensinar sobre a dignidade das mulheres, que são parceiras plenas e iguais em todas as iniciativas. Os colégios jesuítas devem combater ativamente o racismo em todas as suas formas.” (TRADIÇÃO VIVA, 2019, p.83).

Para os alunos, desde as séries iniciais, o projeto pedagógico, através das pedagogias culturais, tem como objetivo, apresentar a presença do negro nas ciências, nas artes, na literatura, em cada série e dessa forma valorizar e empoderar, pois, de acordo



com Hooks (2020, p. 175), “se realmente queremos criar uma atmosfera cultural em que os preconceitos possam ser questionados e modificados, todos os atos de cruzar fronteiras devem ser vistos como válidos e legítimos.”

Dessa forma, a escola expande as suas possibilidades formativas através dos tensionamentos cotidianos por onde circulam expectativas, gestações, transformações, esperanças em um horizonte que escapa ao prescrito por onde a educação vai acontecendo. A escola se torna assim, espaço de construção coletiva, de constante reinvenção através de um permanente exercício de discernimento, explicitando dessa maneira, a sua função social, toda a sua potencialidade formativa. É neste horizonte que atua o currículo para a formação integral que propomos, transformador da pessoa e da sociedade, a fim de que, de acordo com o Papa Francisco, a Educação seja o “princípio de um novo humanismo”, comprometido e engajado, capaz de trabalhar para

estabelecer novas relações. Movido pelo desejo e afetado pelas experiências, desejamos que cada aluno possa construir o seu projeto de vida e seja a diferença que queremos ver no mundo: crítico, consciente, comprometido, engajado. Um cidadão global e intercultural.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Pedagogia Inaciana em sua força propulsora, nos enlaça às pautas do tempo presente, exigindo novos posicionamentos, fortalecendo de forma consciente os processos formativos. Em meio à complexidade do contexto global em que nos situamos, ela se afirma como caminho para a reconciliação, para a justiça socioambiental e consequente diminuição da discriminação, da exclusão e da desigualdade. É urgente, portanto, despertar para a existência do racismo no Brasil, para que o preconceito e a discriminação possam ser efetivamente combatidos. Da mesma forma, “são importantes o cultivo da liberdade pessoal, o seu pensamento crítico e a sua



criatividade capaz de enfrentar formas sociais de submissão e manipulação”. (DUEC, 2019, p.27).

A Pedagogia Inaciana, através da formação de sujeitos críticos e conscientes, é meio para a efetivação de políticas de transformação social e superação das desigualdades. Portanto, “sublinhamos uma antropologia e espiritualidade que levam ao reconhecimento do outro e alimentam o sentido do público”. (DUEC, 2019, p.27). Através das redes educativas do apostolado educativo da Companhia de Jesus, podemos desenvolver e compartilhar projetos, programas e estratégias de valorização do negro e da mulher, de

forma que façamos uma travessia esperançosa, porque afinal, “todos nós em comunidade, somos responsáveis pelo mundo”. (TRADIÇÃO VIVA, 2019, p.14)

Vivemos em travessia e a Pedagogia Inaciana, como peregrina, através dos contextos nos propõe a cada tempo novos deslocamentos, renova seu convite a ver, a ouvir a realidade, em permanente exercício de discernimento. Somos continuamente desafiados a prosseguir, em colaboração e em conexão uns com os outros, em constante companheirismo criativo.



## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, S. L. de. Racismo Estrutural. São Paulo: Ed. Jandaíra, 2020.

CARBONELL, J. Pedagogías del siglo XXI: Alternativas para la innovación educativa. Barcelona: Ediciones Octaedro, SL, 2017.

CARNEIRO, S. Escritos de uma vida. São Paulo: Ed. Jandaíra, 2020.

COMPANHIA DE JESUS. Colégios jesuítas: Uma tradição viva no século XXI. São Paulo: Loyola, 2019.

COMPANHIA DE JESUS. Pedagogia Inaciana: uma proposta prática. São Paulo: Loyola, 1994.

CPAL. A Companhia de Jesus e o direito universal a uma educação de qualidade. Lima:, 2019.

HOOKS, B. Ensinando a transgredir: A educação como prática da liberdade. São Paulo: Martins Fontes, 2020.

LIBÂNEO. J.; ALVES, N. Temas de Pedagogia: Diálogos entre didática e currículo. São Paulo: Cortez, 2012.

MCLAREN, P. A vida nas escolas: Uma introdução à pedagogia crítica nos fundamentos da educação. Porto Alegre: Artes Médicas, 1977.

RINALDI, C. Diálogos com Reggio Emilia: escutar, investigar e aprender. São Paulo: Paz e Terra, 2017.

RJE. PEC – Projeto Educativo Comum. São Paulo: Loyola, 2016.

SCHIAVONE, P. Quem pode viver sem afetos? A pedagogia inaciana do “sentir” e do “saborear”. São Paulo: Loyola, 2009.

SEIDER, S. et al. Critical Consciousness: A key to student achievement. Boston: Boston University, february, 2017. Disponível em: <kappanmagazine.org>. Acesso em mai. 2021.

TEIXEIRA NETO, J. Mochilas existenciais e insurgências curriculares: possibilidades de interações nas pedagogias culturais do tempo presente. Curitiba: Ed. CRV, 2020.